

A VOZ ROUCA EM ARQUIVO SILENCIOSO

João Nilson Pereira de Alencar
Universidade Federal de Santa Catarina

(...)o arquivo, se esta palavra ou esta figura se estabiliza em alguma significação, não será jamais a memória nem a anamnese em sua experiência espontânea, viva e interior. Bem ao contrário: o arquivo tem lugar em lugar da falta originária e estrutural da chamada memória.¹

Este trabalho chama-se “A voz rouca em arquivo silencioso” , mas poderia se chamar “Desempacotando ou inventando o arquivo”. O objetivo é o de abrir algumas gavetas, cruzar informações, trazer um pouco da trama que me ligou à literatura de Murilo Rubião e, portanto, ao seu arquivo.

Faz exatamente 13 anos que conheci o escritor, a propósito do Congresso da ABRALIC sediado aqui mesmo em Belo Horizonte, em 1989. Na oportunidade, liguei para o escritor. Marcamos um encontro em seu apartamento, na Augusto de Lima. Estava interessado no trabalho mais “antigo” de Murilo, nos primeiros textos, no antes dos primeiros, os pré-textos... Com um gravador pequeno na algibeira e muito entusiasmado pelo aceite da proposta, fui para lá.

O escritor, logo que cheguei, agraciou-me com os dois volumes dos Anais do 1º e 2º Simpósios de Literatura Comparada, publicados dois anos antes pela UFMG, além de alguns periódicos com matéria específica sobre sua obra, publicados no Suplemento Literário da “Folha de Minas”. A conversa transcorreu normalmente, entrecortada por esporádica tosse, por uma voz sumidia e tendo ao fundo ruídos permanentes dos automóveis. Eu, muito ansioso com o acontecido. Murilo, com a calma aparente das águas silenciosas (e profundas). Tirei uma foto e

¹ DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo – uma impressão freudiana*. Trad. Cláudia de Moraes Rego. RJ : Relume Dumará, 2001, p.22.

fui embora. Levava, além das anotações, dos presentes, da foto, a certeza de que estava diante de um homem polido e amistoso.

Parte desse encontro quero retomar hoje. Depois desse tempo todo, foi com ânimo surpreendente que comecei a mexer nas pastas (este material semovente, sempre o mesmo e sempre outro), para este Simpósio.

Uma pergunta primeira que se coloca diante de nós é : “a quem cabe a autoridade sobre a instituição do arquivo?” Ou, que estratégias são utilizadas para guardar esta memória, o *arkhê*? Segundo Derrida, além de oferecerem um espaço físico para o recolhimento do material, os arcontes podiam “interpretar” os arquivos. Nesta função árquica, o arquivo abriga e também dissimula, reúne signos. Vejo o arquivo nesta perspectiva : em sua precisão inabordável, com a **“impaciência absoluta de um desejo de memória”**. Diz o escritor francês:

(...) o arquivo, como impressão, escritura, prótese ou técnica hipomnésica em geral, não é somente o local de estocagem e de conservação de um conteúdo arquivável *passado*, que existiria de qualquer jeito e de tal maneira que, sem o arquivo, acreditaríamos ainda que aquilo aconteceu ou teria acontecido. Não, a estrutura técnica do arquivo *arquivante* determina também a estrutura do conteúdo *arquivável* em seu próprio surgimento e em sua relação com o futuro. O arquivamento tanto produz quanto registra o evento.”²

Vejamos um dos componentes que move este “desejo de memória”.

Toda literatura é marcada por um desejo de marcar seu espaço, delimitar , portanto, um território ficcional, entrando em diálogo com outros textos. No caso de Murilo Rubião, é de se notar que a sua literatura, ao procurar encontrar um “tom”, a sua marca, procura filiar-se e

²Op. Cit., p.28 e 29.

distanciar-se simultaneamente do que poderíamos chamar de uma tradição. A recorrência desse processo pode ser observada com duas mortes.

O “Jornal do Comércio” do Rio de Janeiro publica, em 30 de janeiro de 1908, uma crônica de Euclides da Cunha, intitulada “Última Visita”³. Nela, Euclides narra um acontecimento ocorrido no velório de Machado de Assis. Na sala “principal” encontravam-se Coelho Neto, Graça Aranha, Mário de Alencar, José Veríssimo, Raimundo Correia e Rodrigo Otávio. Pondera Euclides:

De um modo geral, não se compreendia que uma vida que tanto viveu outras vidas, assimilando-as através de análises sutilíssimas, para no-las transfigurar e ampliar, aformoseadas em sínteses riosas , - que uma vida de tal porte desaparecesse no meio de tamanha indiferença, num círculo limitadíssimo de corações amigos. Um escritor da estatura de Machado de Assis só devera extinguir-se dentro de uma grande e nobilitadora comoção nacional.⁴

Então, entra na sala um “anônimo juvenil – vindo da noite”, que chega silencioso. “Ajoelhou-se. Tomou a mão do **mestre**; beijou-a num belo gesto de carinho **filial**. Aconchegou-o depois por algum tempo ao peito. Levantou-se e, sem dizer palavra, saiu.” (p.229, grifos meus). Euclides interpreta o gesto do menino como o mais nobre de um homem, vendo nele a “alma de uma nacionalidade”. E conclui : “No fastígio de certos estados morais concretizam-se às vezes as

³ Euclides da Cunha em *Canudos e outros temas*. Brasília : Subsecretaria de Edições Técnicas – Casa de Pernambuco, 1994, p.228.

⁴ Op. Cit., p.228 e 229. Grifo meu.

maiores idealizações. Pelos nossos olhos passara **a impressão visual da Posteridade.** (p. 229, grifos meus).

Quase 50 anos depois, um outro jornal do Rio de Janeiro publica um texto de Antonio Candido sobre outra morte, a de “Mário de Andrade”⁵. Em meio a uma foto de Mário em visita a um “parque infantil”, o texto de Antonio Candido inicia-se assim: “Para encontrarmos, na literatura brasileira, um morto da importância de Mário de Andrade, é preciso remontar ao ano de 1908, à morte de Machado de Assis. Isto basta para exprimir a grandeza deste homem, cuja morte se comemora neste mês de fevereiro.” Mais adiante, aparece o seguinte comentário : “...Aliás, Mário de Andrade parecia ter a vocação socrática de fazer discípulos, pois era sempre com simpatia e cordialidade que êle acolhia os novos, encontrando sempre tempo para ler-lhes os manuscritos ou os livros de estréias, e escrever-lhes, dando-lhes sugestões, assistindo-os com a **sua experiência de mestre.**”(grifos meus).

É sabido o apreço que tem Murilo pela literatura de Machado de Assis e o contato, não menos fecundo, com Mário. **Os dois mestres.** Andemos mais um pouco, no tempo. O Suplemento Literário “Minas Gerais” publica no dia 1º de janeiro de 1972 um texto de outro mineiro, Murilo Mendes. “A Magnólia”:

1915. De uma **janela paterna** distingo no pomar a magnoleira, magnífica de largas folhas e flôres. Ninguém ignora que existem variedades menores de magnoleiras, mas esta, penso, é a Magnólia grandiflora de Lineu: indicam-no o espaço que ocupa, a dimensão espetacular de suas flôres em copa. Refiro-a imediatamente a uma mulher: na série das “correspondências” a magnólia seria a forma vegetal de minha prima Abigail, por exemplo. Observem a sutileza desta proposta: a magnólia aparenta-se a Abigail, não

⁵ *Jornal A Manhã*. Rio de Janeiro : a 4, n.156, p.5, março de 1950.

Abigail à magnólia. Imagino também o paraíso terrestre sem Adão e Eva, sob a figura da magnólia. A magnólia ataca-me os sentidos, não só pela sua forma generosa, ainda pelo seu aroma esdrúxulo extraído do Oriente. (....) A magnoleira treme agora da cabeça aos pés. Quem sabe está narrando sua infância ao vento?⁶

Poderíamos explorar aqui esta imagem fabulosa, e misteriosa, da magnólia, que inclusive faz parte de um dos contos do autor de **Os dragões**, chamado “O mundo termina na rua das Magnólias”, publicado em 1941.⁷ Um outro texto, menos conhecido de Murilo, invoca recordações e convida o então cronista a refletir sobre Minas e os mineiros: “Madrugada. Silêncio das madrugadas de Belo Horizonte e um cheirozinho insistente de magnólias. Não sei porque tanto perfume e tanto éco!”⁸

Interligados pelo cheiro das flores, os textos murilianos parecem abordar o inabordável, captar o que a representação não dá conta. O cheiro para Murilo Mendes traz à lembrança a mulher, que será fundamental nos contos do outro. Desejo destacar no texto de Murilo Mendes a expressão “**de uma janela paterna**”. Não se trata “da” janela paterna, mas de uma qualquer, daquela guardiã de um arquivo quase esquecido, quase inexistente. O cheiro, então, além de evocar, impulsiona o escritor a “imaginar”... Tramemos um pouco mais. Do outro lado da rua, e do pomar, está uma outra janela, um auto-retrato de Murilo, o Rubião. Diz o escritor a respeito de seu pai:

⁶ *Suplemento Literário de Minas Gerais*, a 7, n.331. O jornal tem a data de 30/12/1972, porém o Suplemento é datado de 1º de janeiro de 1972. Certamente um erro tipográfico. Deveria ser 1973. O texto do jornal, por questão de economia (?), apresenta os tópicos todos juntos, o que não acontece com a edição posterior. Cada “.” representa, na verdade, um espaçamento bem definido. Também “magnífica” surge depois como “magn-ífica”, conforme *Murilo Mendes – poesia completa e prosa*. RJ : Ed. Nova Aguilar, 1994, p.1002.

⁷ Este texto encontra-se publicado na *Revista Belo Horizonte*, a 9, n.131, agosto de 1941.

⁸ Chama-se esta crônica “Ladrões Mineiros” e foi publicada na *Revista Social Trabalhista*. Belo Horizonte : Veloso & Cia. Ltda., dezembro de 1947, portanto, ano de lançamento de *O ex-mágico*.

Meu pai, homem de boa cultura humanística, era filólogo e pertenceu à Academia Mineira de Letras. Escrevia com rara elegância. Apesar de gramático. Dêle herdei apenas a timidez e certo ar cerimonioso, que me tem privado da simpatia de numerosas pessoas.⁹

Creio que esta “impaciência absoluta de um desejo de memória”, que é a da invenção do arquivo literário, acontece com e contra a figura paterna. De um lado Machado, Mário de Andrade, os mestres da literatura nacional. De outro, o pai, “filólogo”, da Academia, e que escrevia com “rara elegância. Apesar de ser gramático.”. O arquivo muriliano precisa encontrar sua saída, ou entrada, contra as figuras paternas da literatura nacional. A questão é, em outras palavras, como Murilo arma seu arquivo? Como ser moderno? Vou me deter em dois fatos para tratar dessas redes. O primeiro deles diz respeito à publicação de um livro do pai de Murilo, Eugênio Alvares Rubião, em 1947. Portanto, ano da publicação do primeiro livro de Murilo¹⁰. Neste ano, seu pai publica **O leão do mar** pela Imprensa Oficial do Estado. A capa é assinada por Aurélia Rubião. Na contracapa, tem-se a data de 1946. Enquanto seu pai publica através da Imprensa Oficial (a lei), Murilo, depois de várias tentativas frustradas, edita seu livro por outro caminho, a então Editora Universal do Rio de Janeiro.

Porém, mais enigmático e significativo será o texto que a **Revista Perspectiva** publica em fevereiro de 1948. É um conto de Eugênio Rubião. O pai está devidamente identificado e autorizado : trata-se de um membro da Academia Mineira de Letras¹¹. A expressão vem entre parênteses e logo abaixo do nome. Quase simultaneamente, Murilo faz constar, no exemplar do

⁹ Um dos raros textos de que não tenho precisão exata. Sei que se encontra publicado no *Folha de Minas*. Quem me passou o xerox foi um curioso guardião de livros, do Arquivo Público Mineiro, em 1991.

¹⁰ Em um exemplar de *O ex-mágico* da Biblioteca Pública Belo Horizonte, consta, abaixo do título na contracapa, uma nota de Murilo Rubião : “Publicado em Setembro de 47. Murilo Rubião”.

¹¹ Chama-se “A Semana Santa no Arraial”. *Perspectiva*. Belo Horizonte : a 2, n. 5, fevereiro de 1948, p.6 a 8.

seu livro de estréia, que se encontra na **Biblioteca Pública** de Belo Horizonte, a **data**, “Setembro de 47”, e sua **assinatura**. O texto de Eugênio Rubião intitula-se “A Semana Santa no Arraial”. No final da página, uma nota da revista lembra que o conto faz parte “Do livro inédito : **Memórias de Albertino**”. Este conto narra as procissões da Semana Santa numa cidade do interior. A multidão, quase amorfa, divide-se e mistura-se entre as pessoas do “povoado” e os “cidadinos”, destacando-se o grande número de mulheres. Todo o texto converge para o evento, cuja celebração encena as esperanças daqueles que participam do ritual. Vejamos um pouco a “rara elegância” do pai:

Após os portadores de velas – vinham os cidadinos de opas vermelhas, carregando tochas. Vem a seguir, transportado por homens forçados, o pesado andor do Senhor dos Passos, enfiado na comprida túnica roxa, acurvado sob a poderosa cruz, o rosto pisado de equimoses, a cabeça sanguejante da afiada corôa de espinhos. Após os padres, a banda de música a babunhar uma marcha fúnebre. A procissão, distendente cobra de luz, enroscou no morro, galgou o têso. Já mal se ouve o sino grosso da matriz; mas, em compensação, badala, fino na noite cheia de estrêlas, o sininho da capela de S. Sebastião(...) ¹²

É estrondosa a semelhança de imagens deste texto com outros de Murilo, com os quais o escritor filho elaborará uma poética de trabalho, seu desejo de futuro. A maioria dessas imagens estão presentes em três textos capitais, “Elvira e outros mistérios”, “Eunice e as flores amarelas” e “Marina, a intangível” ¹³.

¹² Op. Cit., p. 7.

¹³ A este respeito, consultar meu trabalho *A exaustão da palavra – um prototexto para Marina, a intangível*, defendida em 1992, na UFSC, em que procuro analisar os dois primeiros contos como prototextos de “Marina, a intangível”.

Conta o escritor em carta a mim enviada que :

A propósito dos contos que lhe enviei – “Eunice e as Flores Amarelas” e “Elvira e Outros Mistérios” – me permito fazer uma pequena explanação (ou breve histórico) do que escrevi a partir de 1938. O primeiro livro (não publicado, recusado por duas editoras) foi Elvira e Outros Mistérios, do qual só tenho guardado recortes de publicação, em jornais e revistas, do conto (do mesmo nome), que lhe mandei. Assim mesmo, devo salientar, a versão de 1940. As demais, elaboradas em 38 e 39, rasguei todas. Do segundo livro, “O Dono do Arco-Íris, restaram apenas os textos que saíram no “Ex-Mágico” : O Bom Amigo Batista, Memórias do Contabilista Pedro Inácio e Ofélia, Meu Cachimbo e o Mar. [contos grifados a caneta]

Inutilizei (com muito prazer) todos os manuscritos de trabalhos meus escritos até 1946.¹⁴

Murilo faz questão de anotar o processo pelo qual trabalhara a vida toda. Reescritura infinita , com o apagamento dos originais. Neste arquivo dual, em que se inscreve o desejo de firmar uma memória e de apagá-la ao mesmo tempo, surge o texto, silencioso, não-dito, do pai. É com e contra este texto, leia-se aqui, estilo de “rara elegância”, que Murilo constrói a sua literatura. O novo surge como traição ao velho. Contra a lei da literatura paterna e nacional. Este desejo está expresso na luta que os personagens travam nos primeiros contos e que, de certa maneira, mantém-se na literatura de Murilo como permanente tensão. No caso de “Elvira”, o personagem principal herda o nome do pai : “Chamava-se João e tinha herdado o nome do pai,

¹⁴ Do trecho da carta que Murilo me enviou, datada de 15 de fevereiro de 1991. Os títulos dos contos estão grifados a caneta. A carta está datilografada.

um bêbado”¹⁵ e enfrenta a difícil experiência de interpretar o mundo, confiando no dizer do pai que repetia: “Cada um faz o que gosta ...” (p.101). A desilusão amorosa de João esbarra na dificuldade de odiar os patrões e os operários que vinham lhe “doutrinar” para a “Grande Revolução”. Já no datiloscrito enviado a Mário de Andrade¹⁶, lemos uma “Marina” em que a tensão agrava-se com a fundação de uma poética, o desejo de escritura que resiste ao escritor, a profanação do sagrado para que o texto se materialize. Não menos importante é o fato de que toda a ação transcorre no meio de uma **procissão** : “Não me pude alegrar, constatando a sua existência. (sic) porque num andor, no meio da procissão, vinha Marina, a Intangível. Trazia no corpo um vestido de seda amarfalhado, as barras sujas de lama. (...) O cortejo passou num segundo (...) Quis alcançar o andor que levava Marina, mas atrapalharam-me os papéis, espalhados pelo chão. (Bateram o sino e o relógio. Agora eu sabia que êste existia e que era sempre carregado por um sacristão).”

A outra hipótese de análise do arquivo muriliano parte da idéia de que os trabalhos primeiros funcionam como livre exercício da imaginação, fundando sua literatura. Parto da noção de texto como disseminação, da noção de texto como voz. Aqui, um duplo sentido: a voz ainda principiante e também a voz rouca de Murilo vivo e já velho. Vida e obra caminhando paralelas no jogo dos sons e sentidos. A doença do escritor, na garganta, marca-o profundamente, perseguindo-o até o final.

Os primeiros contos, da década de 30 e 40, funcionam como libertadores e afirmadores da voz muriliana. Contrastam sobremaneira com a publicação de apenas seis livros em vida. Alguns nomes: **Revista Belo Horizonte, Folha de Minas, Revista Sombra, Alterosa, Estado de**

¹⁵ “Elvira e outros mistérios”. *Anuário Brasileiro de Literatura*. RJ : Irmãos Pongetti Editora, 1943, p.101.

¹⁶ O datiloscrito é assinado em dezembro de 1943. Murilo, ao negar todos os manuscritos antes de 1946, não pode apagar o arquivo que já se forma, para além de seu domínio.

Minas, O Jornal, Panorama, Revista Social Trabalhista, Revista do Globo, A Manhã (Letras e Artes), Leitura, Jornal de Letras, Crítica, e mais tarde, **Pampulha**, saudada em seu primeiro número por Juscelino. Poderia-se ver nesta errância de publicações a prova viva do desejo do escritor de demarcar seu terreno, à medida que solidifica seus textos. Esta estratégia pode ser vista, então, como libertação da voz, em que o escritor, publicando às vezes até com pseudônimo, Rosendo, utiliza a proximidade com os periódicos para experimentar sua literatura.

Contrariamente a esta explosão, a publicação em livro sedimenta, de alguma maneira, a literatura muriliana, ao mesmo tempo em que cria uma certa paralisia, principalmente na criação de novos textos. Ou seja, o dilema de Murilo será conviver com esta novidade que instaura, mas agora com a permanente, e excessiva, preocupação de “enxugar” os textos até a sua exaustão. Este movimento traz à voz muriliana, paradoxalmente, clareza e asfixia.

Desta forma, a notícia de “inéditos” de Murilo será sempre saudada e ansiosamente esperada. O escritor cria, em torno de si, uma aura de expectativa inquietante, em que seu público, e a crítica em geral, aguardam, silenciosamente. Numerosas são as histórias de Murilo a este respeito. Vou me deter num episódio da entrevista que ele me concedeu em 1989. Ouçamos um pouco dessa voz.

Estranhamente, este texto muda de gênero. É anunciado como novela. A narratividade, a inventividade, deixam à mostra o que Murilo tem de mais genuíno, uma tendência para invenção difícil de controlar, como já confessara a Mário de Andrade em correspondência. Mas se atentarmos bem a este texto, ouviremos o texto límpido (na invenção), apesar da excessiva narratividade. Surge sem rasuras, em que a voz transparece límpida, sem cortes. O escritor acaba

revelando o que recriminara nos escritores mineiros na década de 40, ao falar da mania que tinham , e ele também, de viver entre montanhas, alimentando-se de seu próprio eco. O texto é outro. Ou o mesmo Murilo, sem as máscaras.

Os textos **O cavalo verde** e **O navio** estão por toda a obra muriliana, como num lance de dados... Ambos assinalam uma promessa de felicidade, encenando um jogo. Um romance, nunca publicado, mas já ensaiado e anunciado desde a década de 40 .

Sr. Úber pode ser visto como o homem que alimenta as histórias, de onde jorram as aventuras, do menino que vê da janela o mundo das magnólias e, escutando os ecos das montanhas, ensaia o vôo – da memória, do arquivo. O texto sem e(c)lipses.

A seguir, transcrevo a carta citada na íntegra:

Belo Horizonte, 15 de fevereiro de 1991.

Meu caro João Nilson,

Doença. Essa presença de sequelas do câncer, que ainda, momentos atrás, me fez recusar um convite para fazer um pequeno depoimento na próxima Bienal da Nestlé, em 5 de julho deste ano, atrasou um pouco esta carta.

A propósito dos contos que lhe enviei – “Eunice e as Flores Amarelas” e “Elvira e Outros Mistérios” – me permito fazer uma pequena explanação (ou breve histórico) do que escrevi a partir de 1938. O primeiro livro (não publicado, recusado por duas

editoras) foi Elvira e Outros Mistérios, do qual só tenho guardado recortes de publicação, em jornais e revistas, do conto (do mesmo nome), que lhe mandei. Assim mesmo, devo salientar, a versão de 1940. As demais, elaboradas em 38 e 39, rasguei todas. Do segundo livro, “O Dono do Arco-Íris, restaram apenas os textos que saíram no “Ex-Mágico” : O Bom Amigo Batista, Memórias do Contabilista Pedro Inácio e Ofélia, Meu Cachimbo e o Mar. [contos grifados a caneta]

Inutilizei (com muito prazer) todos os manuscritos de trabalhos meus escritos até 1946. Dos publicados em jornais e revistas, só conservei os seguintes: O Outro José Honório, O Mundo Termina na Rua das Magnólias, Margarida e Outras Reticências, O Mundo Tem Duas Faces, que saíram na revista Belo Horizonte (1940). A mesma revista publicou, em 1942, Os Dois Mundos de João Quatorze e a Alterosa editou Os Lábios de Isaurinha (1944). Todos esses contos, ou a maioria, são da safra de 1938/1939. Também de 39 é o texto “Reflexões de um Zero” (Leitura, Rio, 1943.)

Do Ex-Mágico (Editora Universal, Rio, 1947), o primeiro conto publicado foi o Pirotécnico Zacarias. Revista “O Cruzeiro”, Rio, 3/04/43.

(Nota: os contos Memórias do Contabilista Pedro Inácio, Ofélia Meu Cachimbo e o Mar e O Meu Bom Amigo Batista foram incluídos no “Ex-Mágico,” contra a minha vontade, pelo escritor e grande amigo Marques Rebelo).

Em 1965 lancei Os Dragões e Outros Contos, no qual inclui, depois de exaustiva reelaboração 12 contos do “Ex-Mágico”. (Em anexo, segue o índice de Os Dragões. Os assinalados com tinta vermelha são os inéditos do livro).

Na próxima carta (?), falarei da “Estrela Vermelha”, edição de luxo de quatro contos meus, editado em 1953, pela Hipocampo. Mandarei também algumas notas sobre O Pirotécnico Zacarias, A Casa do girassol Vermelho e a história de O Convidado, que

começou em São Paulo em 1945, no Primeiro [escrito acima] Congresso de Escritores Brasileiros. Mandarei ainda um xerox de um artigo inédito de [a mão, acima] Oscar D'Ambrósio sobre o Edifício.

Um afetuoso abraço

Murilo

PS. Segue junto o seguinte material:

1 – Índices do “Ex-Mágico” e “Os Dragões; 2 – a primeira publicação do conto O ex-Mágico da Taberna Minhota (revista Sombra) e os textos publicados em livros. 3 – Xerox de todas as publicações de Os Dragões, inclusive em livro. MR.

A correspondência muriliana também normatiza o registro, o arquivo. Assinala, indica por onde devem ser lidos os seus textos. O discípulo vira mestre¹⁷, antologiza-se. O texto, neste cruzamento de espaços, ganha outra feitura, através da ação pedagógica do escritor. Agora

¹⁷ Ao publicar “A lua” na *Revista Panorama*, a 1, n.3, novembro de 1947, p.34, o escritor assim é anunciado: “Uma das figuras mais curiosas da literatura mineira dos nossos dias (...) contista de excelentes qualidades, um dos mais perfeitos discípulos de Aníbal M. Machado e um dos temperamentos artísticos mais ricos e agitados. Surrealista, sua obra desperta grande interesse, realizada com sutileza e penetração. Seu livro de estréia acaba de aparecer – O EX-MÁGICO – recebido pela crítica com viva simpatia e pelo público com enorme curiosidade. Sua atuação no movimento literário é das mais brilhantes, prestigiando com o seu concurso admirável todas as iniciativas louváveis em prol do desenvolvimento da arte e da cultura em Minas Gerais./ Murilo Rubião promete reunir nova série de contos num livro que terá o título – O DONO DO ARCO-ÍRIS e que deverá aparecer no próximo ano. Nesse gênero ele atua com absoluta segurança.” Neste mesmo artigo, há promessa de que seus contos participem de duas antologias : uma norte-americana e outra na Argentina. No final da página, a outra promessa, “O NAVIO, novela”.

são os outros novos escritores, outros acadêmicos. De onde poderíamos ler a história de sua literatura como roteiro de leitura. A rede de correspondências dos textos de Murilo encontra neste trânsito o espaço de sua legitimação. Espaço literário, do escritor e da crítica, como “promessa de felicidade”, “anunciação”; voz rouca que se faz ouvir no silêncio do arquivo, anárquico.

Bibliografia

ALENCAR, João Nilson Pereira de. *A exaustão da palavra – um prototexto para Marina, a intangível*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis : UFSC, dezembro de 1992.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo – uma impressão freudiana*. Trad. Cláudia de Moraes Rego. RJ : Relume Dumará, 2001.

CANDIDO, Antonio. *Jornal A Manhã*. Rio de Janeiro : a 4, n.156, p.5, março de 1950.

CUNHA, Euclides da. *Canudos e outros temas*. Brasília : Subsecretaria de Edições Técnicas – Casa de Pernambuco, 1994.

MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. RJ : Ed. Nova Aguilar, 1994.

_____. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, a 7, n.331, dezembro de 1972.

RUBIÃO, Murilo. *Revista Belo Horizonte*, a 9, n.131, agosto de 1941.

_____. *Revista Social Trabalhista*. Belo Horizonte : Veloso & Cia. Ltda., dezembro de 1947.

_____. *O Ex-mágico*. Rio de Janeiro : Ed. Universal, 1947.

_____. *A Semana Santa no Arraial. Perspectiva*. Belo Horizonte : a 2, n. 5, fevereiro de 1948.

_____. *Correspondência enviada a João Nilson Pereira de Alencar* datada de 15 de fevereiro de 1991.

_____. *Elvira e outros mistérios. Anuário Brasileiro de Literatura*. RJ : Irmãos Pongetti Editora, 1943.

_____. *Correspondência enviada a Mário de Andrade*. São Paulo : IEB, dezembro de 1943.

_____. *A lua* . *Revista Panorama*, a 1, n.3, novembro de 1947.